

a história por trás de mami wata: entrevista com olivia rabacov

the story behind mami wata: interview with olivia rabacov

Olivia Rabacov

Cineasta e bióloga – Mami Wata

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0141-4960>

Maria Rita Lustosa Junqueira Villela

Diretora de Pesquisa - Instituto E.V.A.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8002-5798>

Santiago Fuentes

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3270-9635>

Viggo Durance

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7139-6273>

Diego Tuler

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9053-893X>

Kayla Branch

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2379-567X>

Sophie Adler

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8352-7738>

Olivia Castro

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3442-6807>

Tiago Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2488-1003>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10793792>

Entrevista

Realizada em 26 de outubro de 2023

Esta entrevista foi realizada por estudantes da disciplina “Sistemas Ambientais e Sociedade”, do Ensino Médio da Escola Americana do Rio de Janeiro, sob a orientação da Professora Maria Rita Villela. Os estudantes buscaram conhecer a história da primeira marca de protetores solares veganos brasileira, fundada pela cineasta e bióloga Olivia Rabacov, que se dedica a desenvolver projetos de proteção dos oceanos (ODS 14 – Proteger a vida marinha). A entrevista foi concebida pelos estudantes que se ocuparam de: desenvolver o roteiro; formalizar o convite; compartilhar responsabilidades; elaborar uma logomarca da iniciativa; conduzir, documentar, transcrever, editar, ilustrar e diagramar o texto. A presente publicação oferece evidências de que a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, implementada através de uma pedagogia participativa que promova a autonomização dos estudantes na Educação Básica, tal como proposta pela UNESCO (ODS 4 – Educação de qualidade), tem a potência de efetivamente promover habilidades cognitivas, socioemocionais e comportamentais (as chamadas “habilidades verdes”) objetivadas pela Educação Socioambiental.

Maria Rita¹ – Cara Olivia, muito grata por ter aceitado o convite dos estudantes para participar desta entrevista. Inicialmente, você poderia nos dar um breve resumo de sua vida profissional antes de criar *Mami Wata*?

Olivia - Em primeiro lugar, obrigado por me receber aqui. É realmente um prazer, porque *Mami Wata* é como se fosse meu terceiro filho, então significa muito para mim pessoalmente e é um prazer poder ter esse rico intercâmbio com vocês. Analisei as perguntas muito rapidamente apenas para entender para onde estávamos indo e todas eram ótimas perguntas e também ótimos *insights* sobre nosso *site* e nossas comunicações, que levaremos em consideração também. Então, muito obrigada.

Quando me formei na *Escola Americana do Rio de Janeiro*, fui para a *New York University* para estudar produção de cinema e televisão. Fiquei lá por quatro anos e no meu segundo ano na NYU viria ao Brasil nas férias de verão. Comecei a trabalhar em filmes que foram filmados aqui no Rio, e foi realmente incrível, porque foi um renascimento da indústria cinematográfica. Foi um ótimo momento para ingressar nessa indústria.

Eu estava construindo essa rede gradualmente, então, quando me formei, fui rapidamente absorvida pela indústria. Logo estava trabalhando com grandes diretores aqui no Rio e eventualmente viajando por aí. Talvez vocês tenham visto alguns dos filmes. Fui assistente de direção por muitos anos e logo me tornei supervisora de roteiro. À época estávamos filmando *Cidade de Deus* e fazendo *Tropa de Elite I e II*, então fiquei muito feliz. Às vezes eu olhava ao meu redor e não conseguia acreditar que estava sendo paga para fazer aquilo, algo que tanto amava. Fiz amigos e isso se tornou minha vida por muito tempo.

Sophie – Como surgiu a ideia de criar este produto?

Olivia - Adorei estar no set, mas também foi muito intenso. Trabalhávamos seis dias por semana e cerca de 13 a 14 horas por dia. Então me tornei mãe de dois filhos e isso ficou muito pesado. Além disso, acho que quando me tornei mãe comecei a ter cada vez mais consciência das questões ambientais; sempre tive uma relação muito especial com o oceano. Quando tinha onze anos mergulhei pela primeira vez e isso mudou a forma como eu via o oceano porque, como um grande lixão, as pessoas não têm a oportunidade de ver o que está por baixo dele. Eu era muito jovem, então acho que tudo isso veio junto e eu simplesmente senti que queria dedicar minha energia a algo que realmente tocasse meu coração e tivesse a ver com questões globais. Eu só queria contribuir com o planeta de alguma forma.

¹ Em representação da estudante G.M., quem não pode ser contatada para autorizar a publicação.

Então comecei a fazer pequenas mudanças em casa, apenas para refletir sobre o que eu estava fazendo com meu lixo, que tipo de produto eu estava usando para limpar a casa, ou meu xampu e meu desodorante.

Comecei apenas a processar, procurando alternativas mais ecológicas e biodegradáveis a todos esses produtos e cheguei a um problema que não conseguia resolver - o protetor solar - e não percebi, durante muito tempo, o impacto dos filtros solares químicos nos ecossistemas marinhos. Em geral, sabemos que a água dos rios ou até mesmo a água do seu chuveiro, toda ela vai parar no oceano. Então fiquei muito tempo sem perceber esses impactos e quando descobri isso pensei: o que vou fazer em relação a isso? Porque protetor solar é diferente de desodorante, que você pode fazer em casa, ou de cremes hidratantes, que você pode substituir por óleos naturais. Protetor solar é quase um remédio, porque sem usar você pode desenvolver câncer de pele, fora tantas outras consequências para sua saúde.

Portanto, o protetor solar é tratado como um medicamento e é certificado como medicamento pela *Anvisa*, que é a instituição governamental que regulamenta esses produtos. Assim, não é algo que possamos encontrar alternativas nos mercados locais. Então entendi o processo e percebi que nos Estados Unidos e na Europa já tínhamos protetores solares físicos minerais; algo que não tínhamos no Brasil. Então pensei que se isso era um problema para mim, poderia ser também para outra pessoa, e entendi que era uma oportunidade não só para resolver os problemas, mas também uma oportunidade para trazer essa discussão para o Brasil.

Ao fazer esse produto pude falar sobre algo que realmente importava para mim, a conservação dos oceanos. Então tudo se juntou e encontrei uma parceira que era química e começamos essa aventura. Passamos por um processo seletivo na *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, que possui uma incubadora onde são acolhidas *startups*. Foi um longo processo seletivo, até que fomos efetivamente escolhidas e ficamos “incubadas” na UFRJ por um tempo. Eles estavam nos ensinando coisas novas porque eu vim de *sets* de filmagem e nunca tinha experimentado negócios ou planos de negócios. Eu não sabia de nada, então eles realmente me deram a primeira ideia do que eu precisava aprender e para onde precisava ir, por onde começar.

A certa altura, estávamos mais seguras e entendemos o que precisávamos para avançar rapidamente porque éramos os únicos no mercado. Então entendemos que precisávamos avançar mais rápido do que a incubadora nos permitia. Aí saímos da incubadora e começamos a andar sozinhas e é isso que temos feito desde então.

Olivia C. — Por que você quis criar um protetor solar 100% natural?

Olivia - Há algo que considero importante, principalmente quando se é jovem, mas também fiquei muito entusiasmada quando decidi virar minha

vida de cabeça para baixo. Voltei a estudar, fui para a PUC-Rio, fiz cursinho pré-vestibular (PH), e fiquei três meses lá me preparando para o Vestibular que nunca tinha feito, porque tinha ido para o exterior. Frequentei a PUC-Rio por quatro anos e me formei com Licenciatura em Biologia. Uma coisa que foi realmente importante, foi que eu entendi que se você olhar para essas questões globais, como o aquecimento global, tudo parece tão grande e distante que você se sente impotente quando percebe que não há nada a fazer para melhorar; é simplesmente opressor.

Uma coisa que eu entendi enquanto estava na PUC-Rio foi que a gente tem que agir localmente, então entendi que se consigo fazer um produto e ele é algo concreto e tem solução para um problema ambiental, eu vou trabalhar localmente, vou oferecer essa solução para mim e para as pessoas ao meu redor. Às vezes sentimos que isso não é suficiente, não tem impacto, mas acho que temos que repensar isso.

Cada vez que você se recusa a aceitar um copo de plástico é uma coisa enorme, porque estamos impactando outras pessoas, estamos inspirando outras pessoas, e isso é a melhor coisa que podemos fazer. Então acho que *Mami Wata* entrou preenchendo essa lacuna: foi uma forma de agir localmente, de contribuir localmente.

Kayla - Como você conseguiu fazer sua empresa crescer? Como você anunciou seu produto para torná-lo um sucesso?

Olivia - Então, estou crescendo [risos]; é um processo muito lento e muito desafiador. Especialmente porque estou aprendendo à medida que prossigo. Não tinha nenhuma experiência com nada disso e basicamente faço tudo sozinha. Então estou fazendo; estou escrevendo *posts*, tirando fotos, indo ao correio e participando de limpezas de praias...

Estou fazendo tudo e estou aprendendo no processo.

Acho que uma coisa importante foi me cercar de pessoas que têm a mesma filosofia porque elas abraçam o projeto quase tanto quanto eu, então isso foi importante para entender o que posso e o que não posso fazer; depois é só encontrar as pessoas certas para preencher [as funções].

Por exemplo, tenho um contador, alguém que cuida das finanças, e são todas pessoas jovens e muito engajadas que realmente acreditam no que *Mami Wata* representa. Então acho que foi um movimento importante para a gente crescer: estudar o mercado e entender para onde estamos indo. Estudar o mercado de protetores solares, que é enorme, com muitos grandes *players* que já existem há muito tempo. Entender isso também me ajudou; e realmente estamos crescendo, mas não damos um passo maior do que podemos, sabe? Estamos seguindo nosso próprio ritmo e apenas fazendo nossas tarefas a cada dia, todos os dias.

Acho que parcerias são muito importantes porque ajudam a nos validar. Quando comecei a *Mami Wata*, eu queria muito ser o protetor solar

oficial dos projetos ambientais aqui no Brasil. Com o tempo isso começou a acontecer; então tê-los conosco foi algo crucial nesses primeiros dois anos. Porque no começo ninguém te conhece.

— *“Por que estou confiando nessa marca da qual nunca ouvi falar antes? Tenho tantas outras opções”.*

É aí que, quando você tem um produto importante [ela se refere aos projetos apoiados por *Mami Wata*] atrás de você, isso nos ajuda muito.

Tiago — Qual foi o seu principal desafio na criação do seu produto?

Olivia - Foram muitos desafios, mas acho que o maior era estarmos oferecendo uma solução para um problema que ainda não estava sendo reconhecido como problema. Sabemos que as pessoas não tinham ideia de que os protetores solares, os protetores solares químicos, eram prejudiciais à saúde ou ao meio ambiente. Então fizemos uma pequena pesquisa - foi engraçado - com pessoas aleatórias chegando e testando. Percebemos que quando você está na sua própria bolha no mundo acadêmico, como eu estive na PUC-Rio por quatro anos, entre pessoas que estão pensando como você, você acha que todo mundo tem essa preocupação, mas quando você sai, você percebe que não, de jeito nenhum. Então eu acho que esse é o nosso maior desafio.

Por outro lado, também é um desafio, mas também é uma oportunidade, porque tem nos dado a oportunidade de educar as pessoas ao longo do caminho. O fato de termos grandes *players* no mercado de protetores solares é um desafio. Você sabe, não podemos vender em drogarias, por exemplo, estamos nos esforçando muito. É muito difícil porque você tem essas marcas enormes e elas estão dominando as prateleiras. Isso é algo difícil. E o fato de sermos um protetor solar físico e estarmos em uma lata de alumínio, as pessoas ficam tipo:

— *“Por que não podemos ter aquele bastão? Adoro protetores solares que vêm em bastão ou em spray”.*

Portanto, é um desafio também, porque exige fazer concessões para ser mais sustentável. Você não pode vencer o plástico. O plástico é o material mais barato e prático do planeta. Então para não usar plástico é preciso um pouco mais de esforço. Quando você pega meu produto e vai usar, é muito mais fácil se você tiver um bastão ou se tiver um *spray*, então eu acho que um desafio também é mostrar para as pessoas que vale a pena fazer essa concessão em para ter algo mais saudável para você e para o planeta.

Viggo — Existe concorrência nesse mercado? Existem outras empresas que produzem produtos semelhantes?

Olivia - Agora existe essa “consciência coletiva”. Começamos a vender *Mami Wata* em outubro de 2021, há dois anos, e alguns meses depois tínhamos outra marca chegando e acho que agora temos três ou quatro. Somos todos um pouco diferentes. Foi engraçado porque nos conhecemos nesse festival em São Paulo, nesse mercado enorme chamado *Natural Tech* e estávamos todos lá representando nossos produtos, foi ótimo, estavam todos muito defensivos e eu estava visitando todos eles e abraçando a todos.

Fiquei muito feliz em ver quem estava por trás da outra marca. É engraçado que quando vi quem estava por trás da marca, entendi melhor a marca. E somos todos um pouco diferentes, então temos um que é natural, mas, por exemplo, usa cera de abelha, então não é vegano. Na *Mami Wata* usamos cera de carnaúba, porque queremos muito que seja vegana. Então é natural, mas tem recipiente de plástico. Acho que há espaço para todos e é muito bom termos concorrência, significa que o mercado está se abrindo para esse tipo de produto. Nós da *Mami Wata* somos os mais radicais; às vezes sou criticada por isso. Então acho que acabamos tendo clientes que se preocupam mais com as questões ambientais, mais do que qualquer outra coisa.

Diego — Quais ingredientes você usa para fazer o produto e como eles são sustentáveis?

Olivia - Quais ingredientes? Temos dois minerais que são muito seguros para o oceano. Eles são o óxido de zinco e o dióxido de titânio, e são como chamamos nossos ingredientes ativos, portanto são os ingredientes que realmente protegem você do sol. E aí incorporamos outros óleos e manteigas da flora brasileira, como óleo de açaí, óleo de buriti, usamos cera de carnaúba; todos esses são ingredientes vegetais.

Na verdade, como eu falei, porque é natural, mas não é caseiro, então produzimos em uma indústria aqui no Rio e eles são responsáveis por comprar os ingredientes em locais certificados. Portanto, sabemos de onde vêm e que não estão impactando o meio ambiente enquanto são extraídos.

Então esse é o controle que temos sobre os ingredientes que usamos.

Diego - Você diria que todos eles são sustentáveis?

Olivia - Eles são. Quero dizer, sustentável é uma palavra muito complicada. Porque se você pensar bem, o mineral precisa ser extraído. A extração em si é um processo, tem impacto. Quando pensamos em sustentabilidade temos que pensar em como podemos impactar menos. Fui para o alumínio, a lata, para os produtos, mas sou obrigada a ter a *Anvisa*,

que é esse órgão regulador, sou obrigada a ter um rótulo que vai ficar no produto; a etiqueta é de papel mas tem uma camada de plástico - usei papel reciclado para tudo - mas a minha etiqueta não poderia ser assim, por isso não sou tão livre de plástico como gostaria. Portanto, é difícil dizer que você é 100% sustentável.

Diego - Há um limite para o que você pode fazer!

Viggo — Quantas organizações *Mami Wata* apoia?

Olivia - Nove projetos. Por vezes temos parcerias que são apenas parcerias pontuais e específicas para ações específicas, mas temos esses nove parceiros para quem doamos mensalmente o protetor solar. Então tem muitos projetos, o *Baleia Jubarte*, o *Ariranha*, e de todo o Brasil. Agora temos um novo que é o *Mantas do Brasil*. Então, temos trabalhado com esses nove.

Olivia C. — Quais são alguns dos seus planos para o futuro da empresa?

Olivia - Eu adoraria exportar, porque é muito difícil vender esse produto. Penso que na Europa e nos Estados Unidos os consumidores estão mais preparados para esse tipo de produto, eles têm mais aceitação e estão mais acostumados. Estamos apenas começando isso aqui no Brasil então realmente dá muito trabalho, e tem um propósito, tem todos esses significados mas também é um negócio e não posso esquecer disso, porque também precisa ser economicamente sustentável. Então eu acho que talvez isso seja algo que eu gostaria de trabalhar no longo prazo: exportar.

Santiago — Como sua empresa é economicamente sustentável?

Olivia - Como eu disse, temos que fazer o nosso melhor para sermos o mais sustentável possível. Acho que desde o início estamos tomando decisões sobre como podemos gerar o menor impacto possível. Foi então que decidimos comprar a lata. Trouxe alguns [itens] para mostrar a vocês.

Quando começamos, vendíamos apenas *online* e agora temos lojas que nos revendem. Aqui, em São Paulo, e na Bahia. Mas a [loja] *online* é muito importante; então criamos, por exemplo, essa caixa [mostra caixa de papelão]. É ela que usamos para enviar os protetores solares. Tem esse berço para podermos colocar a lata dentro e não precisarmos embrulhar em plástico bolha. Fico realmente furiosa quando compro algo *online* que diz “Livre de plástico” e quando você recebe em casa está tudo embrulhado em plástico e eu fico [ela faz um gesto irritado e depois ri]

— “Ok, você não entendeu...”

Então isso, por exemplo, é algo que decidimos fazer para evitar essas coisas. É assim [mostra os componentes da caixa] e não há como o produto se movimentar e ser esmagado...

Fiz uma reunião na sede dos Correios, porque queriam que eu tivesse a Nota Fiscal dentro de um saco plástico, porque precisava ser visto ou conferido por alguém em algum momento do processo, mas eu os convenci a não fazer isso. Então eu uso, por exemplo, este pequeno envelope artesanal e apenas colo na caixa com fita de papel. Por isso tentamos restringir a nossa comunicação ao digital e produzir o mínimo de plástico possível.

Quando a gente precisa de papel a gente tenta usar papel reciclável como esse [mostra cartilha] e escolhemos uma indústria aqui no Rio; tínhamos muitas opções, ainda mais opções do que, por exemplo, em São Paulo e no Sul do Brasil, mas escolhemos uma indústria aqui no Rio, porque você deixa menos pegada de carbono, porque está mais perto de nós. Portanto, é mais fácil conseguir coisas deles. Então essas são algumas medidas e estamos sempre atentos ao que podemos fazer para substituir ou gerar menos impacto.

Santiago — É mais caro produzir o protetor solar físico que o protetor solar comum?

Olivia - Sim, infelizmente, os ingredientes naturais são mais caros que os químicos. Isso é algo que está relacionado a outra questão sobre quem pode comprar seu produto. É difícil porque eu adoraria fazer algo ainda mais acessível e com preços justos. Hoje com o *Instagram* estou sempre conversando com o público e sempre que vejo que o preço é um problema para alguém, envio de graça [risos]. Mas essa é uma questão importante porque restringe o nosso público em geral. Os ingredientes naturais são caros e as latas de metal utilizadas são mais caras que as de plástico. Todas essas opções são mais caras do que ter uma caixa plástica ou um filme plástico. Todos esses fatores afetam o preço do nosso protetor solar e, infelizmente, os tornam mais caros do que o protetor solar que você compraria em uma farmácia normal.

Viggo — Que mensagem você gostaria de deixar para as pessoas da nossa idade?

Olivia - Eu adoraria que vocês refletissem sobre o sistema porque não sei se vocês já ouviram falar, mas os cientistas estão falando sobre a sexta grande extinção. O planeta passou por cinco grandes extinções. Tenho certeza de que você já ouviu falar dos dinossauros, esse é a mais comentada, mas agora muita gente está considerando que estamos à beira - ou já vivendo - uma sexta grande extinção, diferente das outras causadas por um

fenômeno natural, desastre ou evento, esta está sendo causada por uma única espécie, que é a nossa.

Então o que está acontecendo é muito sério, realmente não podemos voltar a ser o que éramos. Isso não é uma opção. Mas podemos desacelerar as coisas. Tenho uma amiga que é bióloga [*Cathleen*] que estuda baleias, trabalha em *Boston, Massachusetts*. Ela tem o que chama de “teoria do pouso suave”, que é exatamente isso. Não há como voltar atrás, mas precisamos retardar o processo de destruição, porque assim poderemos dar a outras espécies a oportunidade de se adaptarem.

Então é muito sério, e o que eu adoraria que vocês fizessem é refletir sobre suas escolhas e questionar o sistema que costuma nos levar a comprar e comprar; você tem que ter o melhor celular, o melhor carro. Isso é sempre uma discussão em casa porque, por exemplo, tínhamos um carro muito velho, agora trocamos de carro, porque o antigo começou a parar no caminho para a escola, mas meu filho sempre perguntava:

— *“Por que não trocamos de carro?”*

Era um carro de 2010! Eu diria — por quê? Então acho que deveríamos mudar nossa mentalidade em relação a tudo isso. Seria muito mais legal ter um celular velho do que um novo, e um carro velho do que um novo, porque no ritmo que estamos avançando o planeta ainda estará aqui, mas talvez não consigamos sobreviver como espécie. Apenas para estar ciente e entender que tudo o que você faz conta, suas escolhas cotidianas contam. Acho que essa seria minha mensagem para vocês.

Maria Rita² — Que conselho você daria para quem está iniciando um negócio sustentável?

Olivia - Seja resiliente e não perca o que originalmente o inspirou a fazer isso. Porque às vezes existem tantos desafios e obstáculos. Para mim, o que realmente me faz continuar é apenas ser capaz de respirar e saber por que fiz isso. Voltar ao que te moveu no início e se cercar de pessoas que também acreditam no seu projeto. Mesmo em casa, uma ou duas vezes, lembro de ter perguntado ao meu filho:

— *“Você acha que eu fiz a coisa certa?”*

Porque eu estava tão cansada e sobrecarregada e meu filho dizia:

— *“Está tudo bem e como deveria ser”.*

² Em representação de G.M.

Então também se cercar de pessoas que acreditam no projeto e no que você está fazendo é muito importante.

Diego - Eu tenho uma dúvida: não tenho certeza se você já disse isso antes, mas como você conseguiu financiamento para começar e manter seu negócio funcionando?

Olivia - Não tive financiamento. Vendi minha casa mesmo. Eu realmente tive que me organizar financeiramente para parar de trabalhar. Primeiro porque voltei a estudar e depois porque comecei o *Mami Wata*. Felizmente o que fizemos foi manter a empresa super pequena, somos cinco pessoas.

Então às vezes fico sobrecarregada, mas é por isso. Então o que precisamos é poder simplesmente rodar e não ter que injetar dinheiro todo mês. Mas no primeiro momento tive que fazer um investimento pessoal, e então isso exige muita organização, e você tem que se preparar para isso. Eu também tinha uma sócia então dividimos esses custos.

Sobre a entrevistada

Olivia Rabacov é Graduada em Cinema pela *New York University* e Bacharel em Biologia pela *Pontfícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. É empreendedora e ativista ambiental, fundadora do projeto *Mami Wata*, que surgiu em 2019 com o propósito de cuidar da nossa saúde e do nosso planeta. Em outubro de 2021, *Mami Wata* já se consolidava como uma empresa com um pequeno time determinado a discutir o impacto de ingredientes químicos nos corpos d'água e despertar a responsabilidade ambiental nas pessoas através de nossos produtos. A seu próprio respeito, Olivia diz: *“Eu amo o mar e mergulho desde... a vida toda! Sou mãe, trabalhei anos com cinema, até estudar biologia. Refletindo sobre hábitos de consumo e buscando alternativas mais sustentáveis, percebi a falta de um filtro solar 100% natural no nosso mercado. Encontrei na Mami Wata um caminho para ressignificar a vida e me dedicar à proteção dos mares.”* *Mami Wata* está disponível em: <https://mamiwata.eco.br/pages/familia-mami-wata>

Nota da Editora: *Mami Wata*, ou *Mãe Água*, é uma deidade muitas vezes vista como uma sereia. Cultuada em diversas culturas do continente africano, *Mami Wata* é uma divindade das águas, adorada por sua beleza, poder de cura, sabedora e protetora de desastres naturais (EDITORA WISH, *online*).